

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal do Brasil Class.: 57

Data: 27/01/88 Pg.: 11



Brejal dos Guajas — de José Sarney.

(Análise. Ainda na 1ª página)

TRECHO DO LIVRO: “Ruas tinha duas: a da Matriz e a do Mercado. A cidade era menos mais que umas três quarentenas de casas. Nem telégrafo, nem calçadas, nem calçamentos, nem prédios públicos, nem escolas. Aliás, escola tinha uma, de uma sala, construída recentemente; nela residia o sargento da força policial de dez praças.”

Três *quarentenas*. Esse parâmetro numeral praticamente não existe. Só a última edição do Aurélio (1986) dá *quarentena* com esse sentido e a frase de abonação é... exatamente a acima, do Sir Ney! Desconfio que isso é coisa do Joaquim Campelo, craque em léxico, grande colaborador do Aurélio e... grande colaborador do Sir Ney.

Bem, uma cidade de apenas 120 casas (*ele quer dizer o fim do mundo*) tinha igreja Matriz, um Mercado, (grande, pois nele havia “uma hospedaria”), açougue, venda (pág. 20), e loja do genro do coronel Francelino (pág. 12). Fala-se ainda (pág. 45), do coronel Guiné “utilizando o Caixa e Razão de sua loja”, Mariquita tinha “uma pousada” (pág. 12), e a pág. 27 “os pequenos comerciantes não abriram as portas.” Estamos no coração de Manhattan.

A cidade não tinha telégrafo, mas se lê: “O coronel Guiné passara um telegrama aderindo” (pág. 10), e, na pág. 11, “não era nem

duas nem três vezes que (o coronel Javali) telegrafara”; não tinha calçadas, mas na pág. 12 descreve-se a casa de Javali (“sortida, de dez portadas, *calçada alta*”), na pág. 26, Mário, depois de cortar o rabo da jumenta “atirou na *calçada* a encomenda”, e na pág. 58 (*) Zacarias fica “protegido na quina de uma calçada alta.”; não tinha prédios públicos mas tinha cobradores de impostos (pág. 11), nove vereadores, dois notários, na pág. 21 diz-se “Às quatro todos esperavam na *delegacia*”, na pág. 35, Zé do Bule convida os presentes “a comparecerem ao baile da *Prefeitura*”, na pág. 49, lê-se, “Mesmo assim a *câmara* foi aberta”; não tinha escolas mas, neste mesmo período, se diz que tinha uma, ocupada pela força policial, na pág. 45 “O veículo seria recebido pelos meninos do colégio da Prefeitura”, na pág. 52 o coronel Guiné fala de uma escola, e nomeia-se uma professora (pág. 40). O verdadeiro baião do maranhense doido.

(*) Como eu disse, o livro tem 50 páginas. A numeração começa na pág. 9.

ESCREVENDO O
LIVRO O POVO
BRASILEIRO!
O BAIÃO QUE LOGO ALI EMPAIXO. O JORNALUBALDO ESTAVA
O BAIÃO